

ÉTICAS NA TRADUÇÃO DE RELATOS DE VIAGEM

Profa. Dra. Cristina Carneiro Rodriguesⁱ (UNESP - São José do Rio Preto)

Resumo:

Neste trabalho analiso a tradução do relato da viagem feita do naturalista Walter Henry Bates pela Amazônia, enfocando como o tradutor Candido de Mello-Leitão, por um lado, adere a uma ética da diferença, buscando manter a alteridade do texto estrangeiro, e a uma ética da igualdade, domesticando o texto estrangeiro. Os objetivos da análise são duplos: em primeiro lugar, examinar como o tradutor constrói a imagem do autor da narrativa e, ao mesmo tempo, constitui sua própria identidade; e, em segundo lugar, problematizar a demarcação de limites nítidos entre uma ética da diferença e uma ética da igualdade, na medida em que, no texto analisado, ambas acontecem.

Palavras-chave: Candido de Mello-Leitão, relatos de viagem, Coleção Brasileira, ética da igualdade, ética da diferença

Traduções literárias de diversas épocas têm sido analisadas para investigar se os tradutores aderiram a uma ética da diferença, comprometendo-se com a alteridade do texto estrangeiro, ou a uma ética da igualdade, que busca assimilar o estrangeiro, reduzi-lo ao doméstico. Neste trabalho pretendo trilhar caminhos paralelos, enfocando o relato *The Naturalist on the River Amazons*, escrito pelo viajante-naturalista Henry Walter Bates em 1863, traduzido pelo biólogo paraibano Candido de Mello-Leitão como *O naturalista no Rio Amazonas* em 1944. Parto do pressuposto de que o viajar e o traduzir relacionam-se à experiência com a alteridade pela linguagem, e ambas as atividades esbarram na impossibilidade de reprodução do original em sua totalidade. Assim, da mesma forma que o tradutor, o viajante tanto pode evidenciar a diferença do lugar visitado em relação ao que é conhecido por seu público, quanto pode aproximar o estrangeiro daquilo a que o leitor está acostumado. Os objetivos da análise são, por um lado, expor como o tradutor constrói a imagem do viajante-naturalista; e, por outro lado, problematizar a demarcação de limites nítidos entre uma ética da diferença e uma ética da igualdade.

Bates (1825-1892) veio para o Brasil em 1848, com o também naturalista inglês Alfred Russel Wallace (1823-1913). Fizeram várias excursões juntos até 1849, quando cada um deles tomou um rumo, direcionado por seus interesses. Wallace retornou à Inglaterra em 1852, mas Bates permaneceu no Brasil até 1859. Dois anos depois de sua volta decidiu escrever sua narrativa, instado por Charles Darwin. Os onze anos de sua estada na Amazônia resultaram em uma narrativa que obteve bastante sucesso, pois foi publicada na Inglaterra em diferentes versões. A primeira foi editada em 1863, em dois volumes. A segunda, revisada pelo próprio Bates, foi publicada em 1864, em um único volume. No “Prefácio da segunda edição”, o autor disse que condensou trechos que tratavam de questões científicas complexas, mas deixou intactas as “minúcias descritivas [...] referentes ao grande rio em si, à maravilhosa região por ele percorrida, às luxuriantes florestas primitivas que a revestem quasi inteira” (Bates, 1944, p. 25).ⁱⁱ Outras edições foram produzidas depois da morte de Bates, retirando-se tudo o que não interessasse diretamente ao leitor inglês, mas a segunda edição é a que ainda baseia edições mais recentes.

A tradução do Prof. Dr. Candido de Mello-Leitão foi publicada na Coleção Brasileira, da Companhia Editora Nacional, em 1944. Essa coleção é subsérie da Biblioteca Pedagógica Brasileira e é considerada como “o maior empreendimento editorial destinado a reunir um conhecimento sistemático sobre o Brasil, ainda hoje sem equivalente na história da edição do país” (DUTRA, 2006, p. 301). Seu projeto envolvia a publicação de ensaios sobre o Brasil e estudos de problemas nacionais e tinha como objetivo revelar o Brasil para os brasileiros, ou seja, divulgar a cultura, o pensamento brasileiro e o conhecimento científico sobre o Brasil.

Os livros da primeira edição da Coleção Brasileira são bastante modestos face a grandiosidade pretendida pela coleção. Os livros são impressos em papel de baixa qualidade, são pequenos, com 13 cm de largura por 18,5 cm de altura, com capas de cartão padronizadas. Apenas cerca de 15 % dos títulos são traduzidos, a maior parte relatos de viajantes. As traduções são assinadas por intelectuais e seus nomes, quando não estão bem visíveis na capa, estão na página de rosto, abaixo do título. Na obra analisada, na capa há apenas a informação de que se trata de uma “edição ilustrada”, mas na página de rosto consta: “Tradução, Prefácio e Notas do Prof. Dr. Candido de Mello-Leitão”. Em seu prefácio, o tradutor tece elogios a Bates e salienta que não trata apenas de fauna e flora, pois o “livro traduz a observação de um curioso por todos os nossos problemas, sempre olhados com simpatia” (MELLO-LEITÃO, 1944, p. 8). Essa tradução é baseada na primeira edição do livro, tem dois volumes, se inicia com o “Prefácio” do tradutor e traz, na sequência, dois prefácios de Bates, o da primeira e o da segunda edição, além de uma resenha da obra escrita por Charles Darwin, publicada originalmente em 1863, na *Natural History Review*. Notas de cunho histórico e biológico compõem o quadro de desejo de disponibilizar para os leitores o máximo de material de valor documentário, um dos objetivos da Coleção Brasileira.

No Prefácio, Mello-Leitão (1944, p. 10) informa que “a presente tradução é do livro de um Naturalista anotado por outro naturalista” e que escreveu as notas “com muito cuidado e amor, para não desmerecer do valor da obra”. Afirma tê-las reduzido a um mínimo, mas há 578 notas nos dois volumes, pouquíssimas delas do autor. Finaliza seu texto pedindo a indulgência do leitor: “os que já tiveram de anotar um livro de ciência, mesmo de vulgarização científica, bem poderão aquilatar do que isto representa de trabalho e de pesquisa e certamente perdoarão alguns erros ou enganos que ainda tenham escapado” (p. 10).

Algumas notas do tradutor explicitam seu projeto tradutório. A primeira delas ocorre após menção à “cidade do Pará” (BATES, 1944, p. 29). O tradutor explica que Bates e Wallace sempre se referem à capital da província como “Pará” ou “cidade do Pará” e ele deixa desse modo em sua tradução, porque seria “a designação mais comum por que era conhecida a cidade [Belém] no seu tempo” (p. 29). Depreende-se, portanto, que Mello-Leitão não irá retocar o texto de Bates, ou seja, irá se comprometer com a alteridade do texto estrangeiro.

Corroborando esse direcionamento tradutório, encontramos a seguinte nota de Mello-Leitão, após um trecho em que Bates descreve “tufos de parasitas de fôlhas curiosas” [*tufts of curiously-leaved parasites*, p. 5]ⁱⁱⁱ que se assentavam sobre as árvores: “não quizemos alterar o termo empregado por Bates, mas o que ele refere como parasitas, são todas as plantas epífitas, simples inquilinos e não parasitas” (BATES, 1944, p. 34). Quando Bates fornece a descrição de uma bananeira, finalizada por “o encanto desta soberba árvore” [*the charm of this glorious tree*, p. 6], Mello-Leitão assinala, em nota, que “a bananeira é, realmente, uma gigantesca erva”, mas gentilmente explica que as folhas formam um falso caule aéreo, o que desculpava “a denominação, embora errônea, que lhe dá Bates” (p. 35).

As medidas também são deixadas pelo tradutor como no texto de partida. Mello-Leitão explica que “naturalmente Bates dá todas as suas referências em medidas inglesas; achei preferível deixar tais referências a fazer a cada passo sua redução para as medidas do sistema métrico, que se encontrará em qualquer aritmética” (BATES, 1944, p.53).

O projeto de não alteração do texto do autor inclui até mesmo a repetição da estrutura de datação. Assim, o quarto capítulo de Bates, elaborado como um diário, inicia-se com “August 26th, 1848” (1863, p. 74), estrutura espelhada por Mello-Leitão com “Agosto, 26, de 1848” (BATES, 1944, p. 146) e repetida em cada entrada de data.

Essas características, tomadas isoladamente, poderiam levar à conclusão de que uma ética da diferença, que revela aos leitores a origem estrangeira do texto, determinou o rumo de Mello-Leitão.

Entretanto, não é exatamente o que ocorre, pois há trechos em que Mello-Leitão tende a adaptar certas construções. Essa tendência à adaptação é mais evidente nos antropônimos. Em seu texto, Bates é sempre Henry Walter, mas Darwin é naturalizado para Carlos (BATES, 1944, p. 18), Wallace, passa a Alfredo (p. 11), Gardner nos é apresentado como Jorge (p. 167). Até mesmo o barco “St. John” é aludido como “S. João” (p. 181), em itálico, fazendo parecer que assim estava no texto de partida. O tradutor tende, ainda, a adequar aos costumes brasileiros o tratamento que Bates dá a conterrâneos e companheiros de viagem. Bates (1863) sempre se refere ao colega naturalista como Mr. Wallace; mas, para Mello-Leitão, ele apenas é o “senhor Wallace” no primeiro capítulo (BATES, 1944, p. 27). A partir daí, passa a ser Wallace. “Mr. Darwin” (BATES, 1863, p. v), é referido como “Darwin” (BATES, 1944, p. 13). O gerente de uma serraria que Bates visitou algumas vezes, sempre “Mr. Leavens” para Bates (1863), é apresentado por Mello-Leitão como “Sr. Leavens” (Bates, 1944, p. 108); quando iniciam a viagem para subir o rio Tocantins, ainda é “Sr. Leavens” (p. 146). Entretanto, após cerca de 15 dias de viagem de vigiância, passa a ser simplesmente “Leavens” (p. 165). O inglês “Mr. Patchett” (BATES, 1863, p. 110) que oferece ao viajante passagem para retornar de Cametá a Belém e com quem divide a cabine para dormir, é somente “Patchett” (BATES, 1944, p. 198). O proprietário de uma serraria, “Mr. Upton” para Bates, é apenas “Upton” para Mello-Leitão (p. 97). Temos, assim, um Bates que tem hábitos quase brasileiros de relacionamentos; não chega a usar o primeiro nome do colega, como o faríamos, mas com frequência dispensa a forma de tratamento “senhor”.

Percebe-se que o tradutor, em determinados momentos adota uma ética da diferença e, em outros, uma ética da igualdade. Como observa Cardozo (2008), tanto práticas assimiladoras, de apagamento do outro, quanto as fundadas na disposição de abertura ao outro, de apreender sua estrangeiridade, representam movimentos produtivos, representam maneiras de construir o outro e de dele apropriar-se. No caso que analiso, essa construção torna-se mais interessante, pois há um outro, o estrangeiro, construindo, de acordo com o seu ponto de vista, o que é doméstico para o tradutor, que vai se apropriar daquela construção para constituir a alteridade do outro e a identidade do que lhe é próprio. O que se tem, assim, são complexas relações de identidade e diferença, mais ou menos evidentes, que levam o leitor da tradução a construir a imagem do naturalista, do estrangeiro.

Cardozo (2008, p. 186) considera que seja “na relação que o homem constrói a alteridade do outro, da qual emerge tanto a percepção de uma diferença quanto de uma semelhança – constitutivas da alteridade do outro e de sua própria identidade”. A impossibilidade de se apreender realmente o outro e construí-lo de acordo com a percepção que o eu tem de si mesmo apontada por Cardozo, expressa o que avalio ser a característica mais marcante da tradução de Mello-Leitão.

Ao afirmar, em seu prefácio, que se trata de uma tradução de um Naturalista, com “N” maiúsculo, anotada por um naturalista, com “n” minúsculo, Mello-Leitão explicita a percepção que tem de Bates e de como vai com ele relacionar-se. Ele constitui sua identidade na valorização do outro enquanto pesquisador que muito contribuiu para o desenvolvimento das Ciências Naturais.^{iv} Assim, constrói um Bates que usa os termos de sua especialidade e que tem conhecimentos amplos sobre as peculiaridades da região que visita. A tradução de Mello-Leitão, não apenas apresenta 578 notas, ratificando ou aprofundando as observações de Bates, mas pontua-se por detalhes da área de conhecimento. Mello-Leitão faz uma tradução de naturalista: as folhas da jacitara não são providas de espinhos recurvos, mas “de longos espinhos recurvos apicais” (BATES, 1944, p. 79) [*the leaves have at their tips a number of long recurved spines*, p. 32]. O receptáculo da castanha-do-pará não é simplesmente um recipiente sem tampa, pois lê-se que as “sementes estão igualmente encerradas em grandes cápsulas lenhosas; mas estas não têm opérculos e caem inteiras no solo” (p. 100) [*seeds are also enclosed in large woody vessels; but these have no lid, and fall to the ground intact*, 45]. Note-se que Bates não emprega a palavra “operculum”, correlata de “opérculo” e definida pelo Merrian Webster Dictionary como “uma tampa ou borda de cobertura” [*a lid or covering flap*].

As escolhas de Mello-Leitão, em geral, seguem a linha da construção de um Naturalista. A palmeira açaí não tem tronco, tem espique: “a parte externa do espique dessa espécie é dura e de aspecto córneo” (BATES, 1944, p. 158) [*the outer part of the stem of this species is hard and tough as horn*, p. 82]. Enquanto os troncos de certas árvores não estavam simplesmente vestidos de samambaias e com folhas de forma de coração, lemos que os “troncos das árvores estavam cobertos de fetos escandentes e imbés com grandes fôlhas carnosas cordiformes” (p. 81) [*the trunks of the trees were clothed with climbing ferns, and Pothos plants with large, fleshy, heart-shaped leaves*, p. 33].

Até em pequenos detalhes, podemos perceber a pena de um tradutor naturalista culto, que acaba por compor a imagem do Naturalista Bates para o leitor dessa tradução. O tamanduá, tem, para Mello-Leitão, “um focinho delgado e excessivamente longo e uma língua vermiforme extensível” (Bates, 1944, 212), não um focinho fino e uma língua semelhante a de uma minhoca [*it [the Tamanduá bandeira, or the Banner Ant-eater] has an excessively long slender muzzle, and a wormlike extensile tongue*, 119]. Já os ninhos de beija-flores, não são compridos e com formato de uma bolsa, são “longos e sacciformes” (BATES, 1944, p. 217 [*they [the nests] are long and purseshaped*, 122]).

Elegantemente, as palmeiras descritas por Mello-Leitão “erguiam seus delgados estípites a uma altura de sessenta pés ou mais e abriam seus capiteis de plumas entre nós e o céu” (BATES, 1944, 221) [*some of them [the palms], however, shot up their slim stems to a height of sixty feet or more, and waved their bunches of nodding plumes between us and the sky*, 125].

Mas Mello-Leitão não constrói apenas a imagem de um Naturalista erudito. Seu Bates é também um britânico que tem familiaridade com os termos da região, navega por furos, igarapés e curuperês, em montarias, igarités ou vigilengas. Nesse aspecto, Mello-Leitão naturaliza sua tradução. Por exemplo, quando Bates relata as excursões à “propriedade de um americano, Upton”, Mello-Leitão situa-a às “margens de um igarapé” (BATES, 1944, p. 97) [*banks of a creek*, 43], o “igarapé Iritiri” [*the Iritirí Creek*].

Parágrafos depois, Bates (1944, p. 109) explica que, apesar de estreito perto da serraria, o Iritiri torna-se mais largo ao lançar-se no Maguari e observa que “há muitas outras ramificações, furos e curuperês” [*ramifications, creeks or channels*, p. 50]. É nesse ponto, páginas depois de usar os termos da região, que Mello-Leitão acrescenta uma nota especificando que “emprega Bates os termos ingleses para ribeiros e regatos ainda menores, que traduzimos pelos termos regionais da Amazônia igarapés (muito frequentemente empregado pelo próprio Bates) e curuperês que são, segundo Alberto Sampaio, os pequenos riachos, afluentes dos igarapés” (p. 109). No entanto, apenas encontrei três ocorrências de “igarapé” no primeiro volume do livro em inglês, e uma ocorrência no segundo volume. Há uma única ocorrência de “furo”, e “curuperê”, ou “curuperé”, como grafia Mello-Leitão, não é palavra utilizada por Bates.

O uso frequente de termos e expressões específicas da Amazônia por Mello-Leitão, nesses casos referentes aos caminhos fluviais disponíveis ou intransponíveis, faz o leitor imaginar um Bates que não faz concessões a seus leitores anglo-americanos, que pontua seu texto com as palavras do estrangeiro. Não é o que ocorre, entretanto, pois Bates faz uso comedido de palavras e expressões em português, diferentemente de outros viajantes, e normalmente explica seu significado, como no caso acima mencionado, em que o tamanduá-bandeira é traduzido como “*Banner Ant-eater*” (BATES, 1863, p. 119). O naturalista tende a aproximar o que observa ser diferente do que é familiar a seu leitor inglês, fazendo comparações e associações do tipo dizer que o fruto de certa palmeira produz “suco doce, lembrando o da uva” (BATES, 1944, p. 81) [*containing a sweet, grape-like juice*, p. 33], ou dizer que os saguis mais parecem “esquilos que macacos no seu modo de trepar nas árvores” (p. 130) [*more like squirrels than true monkeys in their manner of climbing*, p. 64], ou que as pimenteiras têm “frutos vermelhos como os azevinhos pelo Natal” (p. 175) [*brilliant as holly-trees at Christmas time with their fiery-red fruit*, p. 94].

Em geral, os nomes dos animais são escritos em português por Bates, em maiúsculas, conservando os diacríticos: “Paca”, “Cutia”, “Tamanduá”, “Pavao”. Esse é descrito como “*a favourite pet-bird of the Brazilians, who call it Pavao (pronounced Pavaong), or peacock*” (BATES, 1863, p. 55). Para Mello-Leitão, trata-se de “*xerimbabo* favorito dos brasileiros, que o chamam pavão” (Bates, 1944, p. 116, grifo meu). Note-se que Bates faz questão de informar a seus leitores a pronúncia da palavra, mas associa a ave ao pavão, “*peacock*”, que em nada se assemelha ao pavãozinho-do-pará referenciado por Bates, ave discreta e menor que o pavão.

Além de “xerimbabo”, outros regionalismos são empregados por Mello-Leitão, como “engenhoca” para traduzir “*sugar estate*” e “caboclo” para “*native*”. O uso de termos próprios da região que Bates visita parece fazer parte da constituição da alteridade do outro, o estrangeiro, mas, ao mesmo tempo, é parte da constituição da identidade do próprio, do que é doméstico para o tradutor. Ainda que Mello-Leitão não explicita, em seu projeto tradutivo inicial, que desempenhará sua tarefa por esse caminho, em algumas notas o faz sem dar, no entanto, a dimensão desse uso. O mesmo ocorre com o emprego de termos de especialidade – seu leitor apenas construirá a imagem do Naturalista que Mello-Leitão, constituindo-se como Naturalista, lhe oferece. A linguagem escolhida por Mello-Leitão confere, à tradução, um toque de estrangeiridade. Nesse caso não por revelar a origem estrangeira do texto, não por tentar preservar a alteridade, mas por domesticá-lo, com o uso de termos regionais, e valorizá-lo, ressaltando o mérito do outro com o emprego de termos próprios às ciências naturais. Ao mesmo tempo em que essa tradução não faz concessões de fluência ao leitor, o que a caracterizaria como pautada por uma ética da diferença, ela é assimiladora, na medida em que usa amplamente termos regionais, domésticos. Textos como esse apontam para duas conclusões. Em primeiro lugar, indicam que os limites entre uma ética da igualdade e uma ética da diferença não são nitidamente demarcáveis. Em segundo lugar, evidenciam que esses direcionamentos não são excludentes, ou seja, uma das práticas não elimina a outra, nem uma pode ser condenada em favor da outra.

Referências Bibliográficas

- 1] BATES, Henry Walter. *The Naturalist on the River Amazons: a record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the equator during eleven years of travel*. London: John Murray, 1863. Disponível em: http://books.google.com/books?id=20sVAAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 25 abr. 2011.
- 2] _____. *O naturalista no Rio Amazonas*. Tradução de Candido de Mello-Leitão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. 2 v. (Coleção Brasileira).
- 3] CARDOZO, Mauricio Mendonça. Tradução, apropriação e o desafio ético da relação. In: OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de; LAGE, Verônica Lucy Coutinho (Org.). *Literatura, crítica, cultura*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2008. p. 179-190. v. 1.
- 4] DUTRA, Eliana de Freitas. A nação nos livros: a biblioteca ideal na coleção *Brasileira*. In: _____. MOLLIER, Jean-Yves (Org.). *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política*. São Paulo: Annablume, 2006. p. 299-314.
- 5] MELLO-LEITÃO, Candido de. Prefácio. In: BATES, Henry Walter. *O naturalista no Rio Amazonas*. Tradução de Candido de Mello-Leitão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. p. 5-10.
- 6] MERRIAM Webster Dictionary. Disponível em: <http://www.merriam-webster.com/dictionary/>. Acesso em: 28 abr. 2011.

ⁱ E-mail: cristina@ibilce.unesp.br.

ⁱⁱ Mantive a grafia dos textos consultados.

ⁱⁱⁱ Os trechos em inglês sempre se referem à edição da John Murray de 1863 e seguem, entre colchetes, a citação em português.

^{iv} Bates e Wallace são responsáveis pela formulação de duas hipóteses bastante discutidas no século XIX, a do transformismo, ou seleção natural, e a do mimetismo. Além disso, o material aqui coletado por Bates, mais de 14 mil espécimes, foi levado para a Inglaterra, onde foi descrito e catalogado.